Anno I — Numero avulso 5 centavos (50 réis) — N.º 35

O AZEITONENSE

Orgão independente defensor dos interesses de Azeitão e arredores

PROPRIEDADE da Empresa AZEITONENSE
Redacção e Administração
RUA DA PROCISSÃO, 45, 1.º DIREITO — LISBOA

Toda a correspondencia deve ser remettida para a Rua da Procissão, 45, 1.º, dir. — Lisboa — ou para F. Martins Xavier Junior — Vila Nogueira — AZEITÃO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Não se restituem originaes embora não publicados
Não se aceitam communicações anonimas

EDITOR E GERENTE
VICENTE FARIA DE BETTENCOURT

ADMINISTRADOR
MANUEL FARIA DE BETTENCOURT

Composição e impressão
Tip. GALHARDO & GOMES Ltd. — Largo do Carmo, 21 — LISBOA

DIRECTOR
GASTÃO FARIA DE BETTENCOURT

Domingo, 4 de Abril de 1920

ASSIGNATURA PADRÃO ADIANTADA

Trimestre	400 (400 réis)
Semestre	800 (800 réis)
Anno	1600 (1600 réis)
Estrangeiro (anno)	2$50 (2$500)

PREÇOS DOS ANNUNCIOS POR LINHA

1.ª Pagina	600 (600 réis)
2.ª e 3.ª Paginas	500 (500 réis)
4.ª Pagina	400 (400 réis)

PASCOA

Benção de Deus cheia de graça santa, enche de encantos toda a nossa vida!

E' um refugio nascido entre os escolhos, aquella esperança que o Senhor nos deu e que é o maior baluarte de toda a nossa Fé.

Na redemptora e florida Pascoa erguem-se os clarões da divina crença que professamos, n'uma inabalavel toada de misticismo. Se assim não fosse, seria falsa a voz dos profetas e as verdades ensinadas e prégadas por Jesus nada mais que o pó de uma irrisão. Mas Ele tinha dito aos povos de Judá: «Assim como Jonas esteve trez dias e trez noites no ventre do peixe, assim estará o Filho do Homem trez dias no coração da terra.» E ao terceiro dia, ao raiar da alva, quando tudo sorria e a Natureza trajava galas e festas, o meigo Nazageno resurgiu dos mortos. Era o Sol da Vida a romper as trevas e a guiar-nos pela estrada que conduz ao céu. Era a Pureza, lirial e calma, onde havia arrulhos suaves de meiguice e rosarios de afagos carinhosos. Era o Supremo Consolador de Maguas que nos dava o exemplo do sofrimento e da humildade. E no seu sorriso, entre meigo e triste, levava-nos a alma para si, conquistava-nos para sempre o coração.

Quanto enlevo me arrebata e extasia ao pensar no sagrado misterio da Resurreição! Nada ha tão belo como esse saudoso apanagio que o girar das epocas não apaga, nem o odio, nem o sarcasmo dos perversos, consegue destruir. E' que repousa a vontade e o imperio de um Ente Supremo sobre essas reliquias de longinquos tempos. E' que a obra de Deus não vacila nunca e os seus dogmas, inviolaveis e intangiveis, firmam-se nos alicerces de uma crença eterna.

Tudo nos fala do Senhor. E' vêr a extensão do mar, ora sereno como uma caricia, ora alteroso como um castelo. E' ver a grandeza do que nos cerca, o conjunto de belezas que nos seduzem, as graças risonhas que nos enlevam, os sonhos subtis que nos embalam. Se olharmos a abobada azulada do céu, quando a tormenta a enluta ou quando a lua brilha e as estrelas vogam, suspensas, como anjos de alabastro, e ao brilhar do sol, tépido e fecundo, durante a roda do anno e no passar dos mezes, temos em cada fenomeno gravado o nome do Divino Artista.

Que o digam as florinhas rociadas de orvalho e as que desabrocham ou morrem, enlanguescidas, em tardes melancolicas de opala, quem lhes deu aquelle brilho suave de carmim, aquella palidez lactea de sonho, aquelle donaire e porte de princezas, aquelle aroma inebriante que nos perfuma e atrahe, aquella beleza de matiz, variegado e rico, aquelle orvalho que caindo as fortalece, e nos digam, ainda, as que morrem docemente, velhinhas e resequidas, quem lhes deu tanto arroubamento, tanta vida, e uma morte assim tão triste mas tão suave...

Que nos digam as fontes de cristal e as canoras aves, que ternamente cantam, hinnos e soluços, quem lhes ensinou as endeichas que a brisa, ao passar, vae decorando.

Falem por mim os magros doentinhos, que hora a hora vão deixando a a terra, e os palidos tisicos, romanticos e apaixonados, que claridade maior advinham para além do Ocaso, mais brilhante e mais santa do que a luz do sol na agonia, quando desmaia, lentamente, e vae listrando o mar, de sangue e de saudade...

E os velhinhos alquebrados de nevadas cans e paternal aspecto,—esses tremulos romeiros do ceu—que nos falem tambem, da esperança derradeira que lhes faz sorrir os olhos, lhes dá a ternura maguada das tardes outonaes e os anima á beira do coval que se lhes rasga aos pés...

Ah! quantas coisas nos falariam de Deus!

Quantos cataclismos nos fariam recordar o seu poder imenso!

Falemos á nossa alma, consultemos a consciencia. Ha um eco intimo que nos segreda e nos aponta o fanal que leva ao Paraizo. Fica longe; a estrada que lá conduz é estreita e pedregosa.

Tenhamos Fé! Ajoelhemos ante o altar tão querido da nossa velha e desditosa Patria e vamos rezar por Ella e pelas nossas culpas que tão grandes são.

Abril de 1920.

Henrique de Bettencourt

Excursão de estudo a Azeitão

Felizmente vão começar a manifestar-se os efeitos da nossa propaganda e é com grande prazer que hoje damos a grata noticia de que para bréve se projecta uma visita de estudo a esta vila, promovida pelo «Ciclo de Estudos» da Juventude Catholica de Lisboa.

Cremos desnecessario encarecer o valor d'estas visitas e firmemente estamos convencidos que todas as facilidades se dispensarão aos visitantes, que iniciam a serie das suas visitas de estudo por Azeitão e serra da Arrabida.

Alguma coisa mais se prepara para este anno que deve contribuir para os progressos d'esta vila, se até lá a força das circumstancias e o acolhimento dos que aqui teem ligados interesses não prejudicar as nossas intenções.

Varios artistas, a quem o publico já ha muito consagrou, e que, sem duvida, são uma gloria nacional, projectam vir aqui este anno e alguns procurar elementos para algumas obras.

Como se verifica, o *Azeitonense* vae cumprindo assim o seu programa, a despeito de todas as enormes contrariedades e mesmo prejuizos materiaes.

O que é indispensavel é que seja o nosso esforço auxiliado por todos d'aqui, a fim de que os nossos ilustres visitantes levem como recordação perduravel, juntamente com o encantamento das belezas naturaes que aqui se podem contemplar, a lembrança do cavalheirismo e a amavel hospitalidade que, infelizmente, no nosso paiz deixa muito a desejar.

Quanto a melhoramentos, em breve tambem, voltaremos a conversar sobre a construcção do caminho de ferro, reservando aos nossos estimaveis leitores, e em especial aos filhos de Azeitão, algumas surprezas que devem ser-lhe agradaveis e que mostram claramente que, nem um instante sequer, perdemos a esperança de levar a cabo esta obra grandiosa que representa para toda esta região o maior melhoramento, e o primeiro para transformar Azeitão n'uma terra digna ser visitada.

PENSAMENTO

de Maria de Carvalho

Muitas vezes um sorriso,
D'esta vida nos escolhos,
E' lagrima disfarçada
Que inda não chegou aos olhos.

Cancioneiro antigo de poesias inéditas

Descrição da Arrabida

XXI

No fim do corredor Christo sagrado
dentro em hum nivo estava entre agonias,
tendo a sua alma santa em tal estado,
no mesmo tempo penas, e alegrias:
na parte superior muito esforçado;
na parte inferior melancolias;
pois lhe custou no Horto pina forte
gotas de sangue imaginar na morte.

XXII

Por hum Religioso então guiados
ao plano nos sahimos da montanha
donde contra o poder dos condemnados
se poem tantos soldados em campanha;
nos perigos se poem tão esforçados
que nenhum teme o risco, nem o estranha
pois com valor, e brio nunca visto
todos no campo estão de sono a Christo.

XXIII

Sobimos hua escada a mão direita,
e nos achamos logo noutro plano
donde vi q. hua imagem bem prefeita
nos dava para a vida o desengano
pois dentro em hua lapa bem esmeita
a similhança vi de hum corpo humano;
se em Maria Egipciaca se alcança
de forma humana alguz similhança.

XXIV

Neste plano hua fonte se descuta
com tão grande primor, e bizarria,
que pelas vizinhanças se ouve
em vezes de cristal clara sangria;
esta q. eu percomi corve de prata
com lingoas de cristal as mãos lambia
porque os Frades em aguas tão novelas
levassem ao jantar as mãos lavadas.

XXV

Do Refeitorio a porta aqui se segue;
mas não descreves agora tanto acerto
Porq. razão he q. a Musa aqui se empregue
em pintar outro encanto, outro enleyo;
a horas de jantar q. lá se chegue,
cuido q. bastara conforme creyo,
que se neste lugar o comer temos
a horas de jantar lá nos veremos.

XXVI

Sobimos outra escada a mão direita
primeiro q. se chegue ao Refeitorio
e em hum terceiro q. esta entra enleita
dezoito cellas tem hum Dormitorio,
he cada qual das portas tão estreita,
que entrar nellas he grande Purgatorio
pois sem de largo (se a historia importa)
pouco mais de dous palmos cada porta.

XXVII

Entro nas cellas, quando mais me espanta
ver q. hum cortinas de colasso servia,
tendo por cobertor hua so manta
o que se recostos na pedra fria;
duvidava o Juizo em pena tanta
como hum cortino, e corpo ali cabia;
porque não estas cellas tão pequenas,
que nellas hum so corpo cabe apenas.

XXVIII

O corredor não tem algum reparo,
contra as chuvas, e frios rigorozos;
porque está descoberto ao desemparo
e ao rigor dos ventos furiosos;
os Frades sem abrigo, e sem amparo
vão de noite a matinas cuidadosos,
imitando ao Esposo no trabalho
que á Esposa buscou cheyo de orvalho.

XXIX

Esta escada descendo outra sobimos
em hum monte de ramos coroado,
hua devota Imagem descobrimos
na qual Christo se vê crucificado;
novamente outra vez nos compungimos
por vermos de ladrões acompanhado
a quem os Serafins tanto cortejão,
que quanto mais o vem, ver o deseja.5

. . . . . .

XXX

Entramos pello meyo do arvoredo,
que era tão solitario na verdade,
que as folhas como lingoas em segredo
murmuravão tão triste soledade
as arvores que vi neste rochedo
encarecião bem esta saudade
pois sobendo do vento os brandos tiros
em cada sopro davão mil suspiros.

(Continua) **P.e Ignacio Monteiro.**

Um recanto pitoresco de Azeitão

Algumas recordações do seculo passado

Olhar não é ver. Ha quem olhe e não veja nada.

A's vezes, conversando com pessoas que veem dar o seu passeio aqui por Azeitão dizem-me por onde andaram, e eu perguntó-lhes se gostaram de ver taes e taes paisagens, estes e aquelles panoramas, o efeito de certa capelinha vista de longe lá no viso d'um monte!... E respondem-me: que não viram, não repararam!

E' com os que vêem, com os que reparam que hoje venho conversar um pouco a respeito de uma das belezas da minha terra.

Quem fôr passeando a pé pela linda estrada que liga Vila Nogueira com Vila Fresca, proximo da entrada d'esta ultima povoação, um pouco a distancia para o lado do sul, vê uma grande casa arruinada cercada de arvoredo secular. Os raios do sol dando um tom dourado ás franças das arvores e á antiga casa, fazem nascer no espirito do observador o desejo de ver de perto tudo aquillo.

O que tem a fazer para o conseguir? Retroceder um pouco, subir até á minuscula aldeia de Castanhos e pedir a alguem que lhe ensine onde é a quinta da Mãpartilha. Pouco tem que andar, a quinta é ali mesmo. Dá alguns passos n'uma estreita azinhaga e avista á direita um vasto pateo.

O meu saudoso mestre, sr. Oliveira Parreira, no interessante estudo intitulado *Quadros da minha terra*, diz:

> Entre as duas pequenas aldeias denominadas Castanhos e Vila Fresca, de que já tive mais de uma vez ocasião de falar na primeira serie d'este estudo, encontra-se uma casa assaz vasta, com um pateo de lavoura, servindo-lhe de atrio, ou pateo nobre, e estendendo-se ao longo de uma azinhaga funda e escura formada por um muro fronteiro á fachada norte do edificio.
>
> Meio palacio, meio granja, esse edificio apesar da rusticidade do atrio e até mesmo do sombrio aspecto da azinhaga, tem certo cunho de nobreza que causa, á primeira vista, uma casa nobre.
>
> Construcção modesta dos fins do seculo XVII, a casa não ostenta belezas architectonicas, mas o panorama que se descortina a norte das janelas do primeiro andar, panorama explendido como a todos os pontos de Azeitão e a serra da Arrabida em mais ou menos vasto horisonte, dá-lhe o encanto principal. Esta propriedade denomina-se a quinta da Mãpartilha.

Hoje tudo está em ruinas, mas ainda conserva um cunho de fidalguia no resguardo das janelas sacadas feito de pedra lavrada.

Colocando-se o visitante a meio do pateo de entrada vê na frente, voltando-se para o sul, um amplo e antigo portão de ferro que dá acesso á quinta. Ao lado esquerdo de quem entra estende-se uma alameda onde se encontram as arvores mais frondosas d'estes sitios: olmos e freixos, sendo estes ultimos de uma grossura colossal. Esta alameda corre ao longo da fachada sul do palacio, e, encostado á parede, estende-se um renque de pés de bucho cujos ramos chegam á altura do primeiro andar.

A seguir a esta alameda fica um pomar de laranja atravessado por varias ruas ladeadas por enormes arvores de fructo. Outras ruas ha cobertas de sombra que vão dar a dois grandes lagos, um dos quaes, o maior, fica no extremo da quinta.

Ali perto vê-se um platano enorme e muito bem talhado que chama os olhares, e os detêem, de quantos ali vão.

Foi n'esta propriedade que passaram os derradeiros annos de sua vida dos

ultimos fidalgos da Casa da India, os Condes de Carvalhães, pae e filho.

Depois da convenção de Evora Monte, de onde D. Miguel seguiu para o exilio, os ditos condes encerraram-se na sua quinta da Mápartilha com toda a creadagem que os acompanhara durante a guerra e a que vieram juntar-se alguns creados velhos que tinham ficado na capital.

Estes fidalgos eram possuidores de uma grande fortuna: Em Lisboa habitavam um palacio no Outeiro da Boa Vista, onde actualmente é a Empreza Editora, no largo do Conde Barão. Um lado da rua das Gaivotas e parte da do Poço dos Negros eram d'elles, bem como os senhorios de Carvalhães, Ilhavo, Verde-milho e Avelãs. A provedoria da Casa da India, no ultimos tempos ainda rendia dezeseis mil cruzados!

Ao desgosto de verem a sua causa perdida juntaram-se desgostos de familia causados pelo desaparecimento prematuro de dois entes queridos, um filho e uma filha do conde velho.

A imensa criadagem tambem foi diminuindo ceifada pela morte, e, quando o conde filho faleceu, só tinha dois creados e uma creada.

Nos *Quadros da minha terra*, (quadro 8.º) o sr. Oliveira Parreira, diz:

D. José Joaquim Lobo da Silveira e Almeida, XV senhor de Carvalhães, Ilhavo, Verdemilho e Avelãs, primeiro Conde de Carvalhães e ultimo provedor da Casa da India, era um homem baixo, magro e vermelho, arrastando muito as pernas devido a uma doença hereditaria na familia. Nunca tinha tido dentes, ou antes nascera com dois dentes que pouco depois lhe cairam, não nascendo outros, o que lhe dava á fala um entaramelado confuso que muitas vezes havia dificuldade em perceber.

Dotado de um caracter arrebatado, e rigoroso observador da disciplina, fôra considerado por alguns dos seus subordinados como demasiadamente austero, e essa austeridade de caracter trouve elle ainda para o desterro voluntario da sua quinta, suportando com estoica resignação os desgostos que o alanceavam. A desgraça abatera-lhe um pouco o genio irascivel, mas o caracter conservava sempre a rija tempera.

Sinceramente religiosos tanto o pae como o filho, passavam horas na capela cumprindo os seus deveres de Cavaleiros de Cristo e da Conceição; cessando os oficios divinos, deveres de que os modernos cavaleiros nem sequer suspeitam a existencia.

Tolerantes em politica, o pae ainda mais do que o filho, embora aferrados ao antigo regimen, eram afaveis para todos, e o velho raras vezes tomava parte em discussões politicas.

Excentricos em tudo nunca abriam uma porta sem lhe pegar com a aba da casaca, ao estreitam a mão a pessoas muito da sua amisade e em ocasiões muito solemnes. O velho passeava pela quinta. Os garotos, que lhe iam furtar as laranjas, enchiam-lhe as ruas de cruzes traçadas na areia. Elle, que era muito tropego, só pelas ruas os podiam perseguir, mas vendo as cruzes parava para não as pisar, desmanchava-as com o pausinho e entretanto dava tempo aos garotos a encherem largos abadas de laranja, rindo pouco respeitosamente do escrupuloso velho.

Referindo-se á moradia, o sr. Oliveira Parreira, diz no quadro 8.º:

O interior do modesto palacio da Mápartilha, palacio como enfaticamente o denominavam, nada tinha de luxuoso, nem do que actualmente se chamaria conforto.

Uma sala de tabelho quadrada, e de paredes nuas, servia de vestibulo. A' direita uma porta abria para a capela e outra para o jardim, á esquerda duas portas comunicavam com os aposentos do feitor, e ao fundo outras duas com um renque de salas, a casa de jantar, dispensas e cosinha. Em cima eram os quartos de dormir. A mesma casa de jantar, humildemente ladrilhada, abria para o jardim por uma porta de vidraça por onde recebia escassa luz atravez das altas paredes de buxo.

A capela tinha um só altar. As paredes d'ella, todas cobertas de quadros religiosos, não tinham ainda a honra de ser ornadas com as obras primas de Alberto Durer. Essas só depois do abcentamento do sequestro em Lisboa vieram ali tomar logar.

Eram tres formosos quadros que um dos Almadas da Casa da India trouxera das suas embaixadas. Um representava a *Ida para o Calvario;* foi vendido a Carlos Pernas por 2:500$000 réis, que parece o foi vender a Inglaterra. O segundo, um S. Jeronymo, foi vendido pelo herdeiro do ultimo conde á Academia de Belas Artes. O terceiro, *Jesus Maria José*, existe hoje em poder do mesmo herdeiro. Havia ainda na casa outro S. Jeronimo do mesmo Durer que se extraviou por ocasião do sequestro.

Uma tribuna fronteira ao altar-mór ligava a capela com o andar superior.

O conde velho morreu em 1854, e o filho, D. José, que era excentrico como o pae, finou-se em 1878.

Recordar é viver no passado. Quem hoje visitar a quinta da Mápartilha e souber alguma coisa da sua historia; quem ali fôr depois de ler os *Quadros da minha terra*, já citados n'este despretencioso artigo, no silencio d'aquella especie de cenóbio apenas sentindo o murmurio do vento atravez a folhagem do secular arvoredo, e o fugidio cantar das aves, fechando os olhos do corpo verá com os olhos do espirito luzentes e movimentadas scenas. Os preconceitos das classes nobres do principio do segundo quartel do seculo passado, atravez a grande distancia que d'elles nos separa, tomarão um aspecto de lenda e de sonho, e o nosso visionario ha de ver os tipos caracteristicos d'aquella época com os seus preconceitos, o seu brio, o seu tradicionalismo! Uma suave sombra de tristeza ha de seguir-se á visão, e ao retirar-se talvez veja o velho conde a desfazer as cruzes feitas pelos garotos na areia das ruas da quinta!...

Azeitão, março de 1920.

José F. Vidal

O primeiro jornal

De ha muito tempo que vem sendo discutido qual seria a primeira publicação periodica da civilisação actual; finalmente agora os curiosos que se teem dado a essa investigação accordaram em que o primeiro jornal foi publicado em Anvers, na segunda quinzena de maio de 1605, por um impressor chamado Abraham Verhoeven, que ficou sendo o pae do jornalismo contemporaneo.

N'aquella época, dois duques de Nassau atacavam Anvers, um pelo lado de terra, outro pelo lado do rio. Abraham, para distrair os habitantes e reconfortar-lhes o moral, lembrou-se de imprimir as noticias das victorias alcançadas pelos defensores da cidade nos varios ataques.

A principio o jornal não tinha numero nem data e sahida irregularmente; só depois começou a ser publicado periodicamente, apparecendo então com um sol impresso a ouro como emblema.

Como os jornaes mais aperfeiçoados de hoje, trazia gravuras reproduzindo os acontecimentos importantes; o processo era o da gravura em madeira.

Abraham Verhoeven tinha correspondentes em varios pontos que o punham ao corrente dos grandes acontecimentos mundiaes; nas Indias Orientaes e em Lisboa tinha redactores especiaes.

Este jornal custava apenas a quantia de um vintem. Verdade é que um vintem, n'aquelles tempos, correspondia a vinte centavos de hoje, ou talvez mais.

Exemplo que deve ser seguido

Um benemerito

Como todos sabem as Misericordias são os estabelecimentos de caridade dignos da simpatia de toda a gente.

A nossa Misericordia, pobresinha e velha, lá vae acolhendo no seu hospital os desgraçados sem amparo na doença.

Na quadra calamitosa que vamos atravessando se não fossem os donativos da Camara Municipal, do Estado e de alguns particulares, a casa fundada por Pedro Mesquita Carneiro ver-se-ia obrigada a fechar as suas portas.

O Azeitonense vem hoje noticiar (e penitencei-se de o não ter feito ha mais tempo), uma acção cheia de altruismo e reveladora de um caracter replecto de bondade.

O ex.mo sr. Carlos Almeida Affonso, um dos dentistas mais distinctos da capital, com consultorio na travessa do Carmo, tambem exerce a sua profissão em Setubal, onde vae um dia por semana. Ahi é muito procurado por pessoas d'este limite de Azeitão que recorrem á sua sciencia para se curarem dos males que as apoquentam.

Pois o ex.mo sr. Almeida Affonso todos os proventos que recebe dos clientes d'esta terra faz doação d'elles á nossa Misericordia. No fim do anno essa esmola é avultada e muito auxilia a manutenção do hospital.

Na epoca de egoismo em que vivemos taes actos de abnegação são raros, e, por isso, tanto mais dignos de serem apregoados, a fim de despertarem nas gerações novas um estimulo para que eguaes benemeritos apareçam.

Tenho a convicção que Deus mantem acesa no recondito da alma de caracteres bem formados uma suave luz que nunca deixa ahi penetrar nem uma sombra de tristeza. E' a sancção da Lei Moral!

10 de março de 1920.

José F. Vidal

Problemas a resolver

Carestia da vida e falta de casas

De varias fórmas se tem pensado resolver os problemas mais importantes que tanto flagelam o paiz: — o carestia da vida e a escassez de casas para alugar.

Se o primeiro d'estes, é da maxima necessidade solucionar ou pelo menos pôr-lhe um dique, o segundo não é de menor gravidade, devendo qualquer d'elles merecer a maxima atenção dos governantes.

Governos teem ocupado as cadeiras do poder, uns de efemera existencia, outros gosando mais longa vida, que, prometendo nas suas declarações ministeriaes tentar resolver estes dois problemas, o não teem conseguido.

Mas, não basta prometer! Não basta agitar no ar essa promessa como salvo conduto, a fim de captivar sympatias e votos de confiança! Não! E' preciso para os resolver, ou quando muito atenuar, olhal-os bem de frente, ponderadamente com atenção, sem tibiezas nem melindres, mas sim com energia e, sobretudo, com interesse.

Eis o que é absolutamente necessario e que se impõe áquelles a quem cabe olhar pelos destinos do paiz, e pela sorte do seu povo.

Para resolver a crise das subsistencias, atendendo um pouco a carestia assustadora da vida, teem-se adoptado varias medidas, por vezes, bem contraproducentes.

O sistema das tabelas origina, por assim dizer, a «sonegação imediata dos generos sujeitos ás mesmas». O sistema das «bichas» além de prejudicial á saude de quem a ellas concorre, é, sobretudo, vergonhoso e deprimente.

Depois, vem então a energia! Multa-se o detentor! Prende-se o açambarcador! Castiga-se o gnancioso!?

Não! Essa energia que todos menos o reu aplaudiriam, não chega a revelar-se porque o «honesto comerciante» é protegido pelo sr. X porque o «conceituado negociante» é ainda recomendado ao sr. Z e... por ultimo, o «honradissimo», o «honestissimo» e consciencioso homem de negocio, rehabilita-se a proseguir descacatando os editaes, e limitando-se a ganhar apenas 300 por cento... para não morrer de fome.

Salvam-se, é claro, honrosissimas excepções...

Com o segundo problema dão-se casos identicos e mais revoltantes ainda na especulação.

A' enorme escassez de casas para alugar, de ha muito tambem vem assustando familias inteiras que, por vezes, mal acomodadas, e pagando exorbitantemente se veem forçadas a residir n'um ou dois quartos alugados, sem conforto nem higiene.

Teem-se apresentado na imprensa varios alvitres, a fim de resolver o caso, teem as vereações municipaes tentado adoptar varias providencias, prometendo mandar edificar habitações baratas para as classes necessitanas, mas até hoje... promessas não faltam e casas não ha...

Não obstante o elevar sucessivo do custo da mão de obra e dos materiaes, dia a dia se estão construindo propriedades para rendas elevadas. Antigamente procuravam-se casas e depois de visitar algumas com escriptos havia a liberdade de escolher a que mais nos conviesse. Hoje, devido ao congestionamento da população, isso é impossivel. Hoje, o systema é outro! Não basta saber quem é o senhorio e procural-o, a fim de ser atendido. Elle nos mostrará uma lista de nomes que em «bichas» estão á vez, esperando que a casa de A ou B fique vaga. Oferece-se mais, promete-se fazer obras, etc. O mais radical e frequente, é indagar quem comprou o terreno, ver a planta e alugar de seguida, antes de principiar a construcção e sem preocupação pela renda, que mais tarde seja arbitrada.

D'ahi a surpreza de muita gente que aguarda, anciosa, o completar de um predio, e sem que n'elle veja escriptos o saiba todo alugado.

Ha ainda os pseudo-senhorios ou proprietarios por conta alheia. São os inquilinos. Alugam por 10 e subarrendam, exigindo de trespasse somas formidaveis.

Remediar-se-ia em parte este estado de coisas se todos os que possuem terrenos que em nada aproveitam, os vendessem ou dessem a quem queira edificar, ou quando a tal se opuzessem o governo procedesse á expropriação dos mesmos por utilidade publica.

Seria esta uma medida que não remediando de prompto e no todo a crise da falta de alojamentos, tendia a remedial-a parcialmente, acudindo a milhares de creaturas que habitam em quartos alugados com enorme dificuldade de adquiril-os, por não poderem dispôr de quantios fabulosa com que pagar um trespasse.

Só procurando os males se consegne obter a cura.

J. Victor Machado

Festas á Senhora da Arrabida

A commissão d'estas festas teve no passado domingo a sua primeira reunião, que esteve muito animada, havendo varios alvitres, e estando todos de accordo em que se façam umas festas que supplantem as dos demais annos. Ficou assente para que se empreguem todos os esforços a fim de que este anno as festas sejam abrilhantadas pela excellente philarmonica de Arrentella, que é uma das melhores da margem sul.

QUADRAS

de AUGUSTO OIL

Lá por ser de gente fina,
Não me tire a mim do rol.
A lua é bem pequenina
— E ás vezes encobre o sol.

Olhos negros. Clara tez.
Negros olhos. Niveas mãos.
Tão negros! Andam talvez
De luto, por dois irmãos...

Não ha nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado.
Amar é ter Deus no peito,
Outra vez crucificado...

Casamento é lotaria.
Ora então que a roda ande!
Eu sempre tive a mania
De apanhar a sorte grande...

Por eu ser pobre, sorrias
Da minha má condição.
Voam alto as cotovias
— E fazem ninho no chão...

A galera «Mocidade»
Que eu leyei a correr mundo
Foi ao fundo, foi ao fundo
No mar largo da saudade!

Amor fundo sofre e cala.
Se tens o afecto de alguem,
Não lhe escutes só a fala
— Ouve o silencio tambem...

Alma de luar e de nevoa,
Misterio, Luz, Maravilha,
A tua lembrança levo-a
Ao colo, como uma filha!...

Ha um cantinho que encerra
O segredo de amar bem.
E' Portugal, minha terra,
Minha terra e minha mãe.

* * *

de TITO DE BETTENCOURT

Que cantigas são cantigas,
Dizes tu, mas não acertas;
Quantas vezes as cantigas
São tristezas encobertas?!

A bocca é ninho de beijos,
As almas choupos erguidos;
No cimo da minha Alma
Ha beijos adormecidos.

Feira de gado

Como hoje é o primeiro domingo do mez, realisa-se a costumada feira de gado, que costuma ser muito concorrida.

TURISMO...

Com a devida venia transcrevemos do nosso presado collega *Diario de Noticias*, de 20 do mez findo, uma parte do justissimo artigo do sr. dr. Fernando Emygdio da Silva e que vem precisamente corroborar o que tantas e tão repetidas vezes aqui temos dito, lastimando o estado miseravel em que se encontra — *especialmente* — a estrada do Barreiro a Azeitão.

Bem sabemos que não é assumpto de *mediocre importancia*, mas ás vezes ainda temos a veleidade de imaginar que um dia virá que o governo da nossa terra se disponha a esse *tão insignificante* melhoramento que afinal tanto nos *viria contentar*.

Como se vê não somos exigentes!...

Mas, fala o sr. dr. Fernando Emygdio da Silva que, muito mais do que nós, tem competencia para tal:

«Estradas.

A tout seigneur... Não sabemos, de facto, como começarmos mais auspiciosamente a falar de turismo.

Admiraveis, em regra, as estradas portuguezas...

Faltam, é claro, alguns pequenos retoques, omissos ainda. Um plano geral do seu trabalho. Ideias nitidas sobre a technica da sua construcção. Por seu lado, ha provincias limitrophes que pela viação ordinaria ainda não comunicam entre si. Cidades, tambem, cujo contacto se estabelece por percursos quadruplos da sua distancia natural. Centros fabris e regiões agricolas quasi inaccessiveis. Paisagens de lenda a que só os *tanks*, porventura, podem chegar.

Mas tudo isso (facil é de ver), será quando muito um aperfeiçoamento ligeiro, uma lacuna desapercebida a que só aludirá, com incontroverso mau gosto, alguma má vontade por egual evidentissima...

Porque, na verdade, *a admiravel:* não ha que ir sacal-o em branco ao que não existe ainda, quando o existente com tanta largueza fornece, patentes e palpaveis, os mais abundantes motivos de pasmo e espanto.

E' correr, com efeito, essa enrugada fita das nossas velhas estradas. Viagens que parecem ser feitas no ceu, taes as nuvens.... de pó em que singramos. Covas e barrancos que sacodem as mais fofas molas em vibrações de epileptico. Pedras e bicos que, por estoiral-os com tal pericia, mais parecem accionistas de alguma empreza de *pneus*. Passagens de nivel, finalmente, que marcam não raro a sua existencia como um ponto final... á existencia dos outros.

E tudo isso, meu Deus! nos nossos mais frequentados caminhos: nos que constituem, como o percurso de Lisboa ao Porto, a espinha dorsal das comunicações portuguezas; e nos que formam, como os passeios a Cascaes e a Cintra, as derivações naturaes do recreio lisboeta.

A amostra basta para se conhecer a fazenda.

* * *

Hoteis.

Em regra, tambem o digno e carinhoso complemento das maravilhas acima descritas: a hospitalisação adequada para o forasteiro que pelas agruras da estrada aprendeu a tomar contacto com as delicias da terra...

Na provincia então, salvas excepções tão honrosas como raras, o hotel é qualquer coisa de execrável. Tal a melhor hospedaria *capital de districto* (!) onde á chegada da diligencia uma criada de chinelos e candieiro de petroleo nos leva através de dois ou trés quartos habitados para um cubiculo... cumulativamente habitado tambem aliás por especimes de variadas zoologias — inclusivamente a humana. Taes as espeluncas onde as infectas instalações de reservada visita só pode chegar-se com transito pela assegurada pneumonia, em noites de inverno, de uma passagem forçada por pateos ou terraços descobertos e onde fielmente se conservam todas as impressões do visitante, inclusivé as das suas opiniões politicas sujando fartamente as paredes... Tais as camas de duvidoso aceio, onde a colchões de pedra se juntam travesseiros de pau. Taes os comedouros onde as nodoas de vinho das suas toalhas alternam com as oleografias mosqueadas dos seus muros. Tal a estalagem onde nem se nos sabe dizer a hora de comboio para dela fugirmos mais depressa...

Forte espanto, de resto. Se em Lisboa e no Porto...

Se em Lisboa e no Porto a generalidade dos hoteis não tem agua encanada nos seus quartos; as casas de banho quase não passam de uma por andar... e ás vezes nem tanto, o serviço de informações é absolutamente falho de tudo aquillo que rudimentarmente interessa o forasteiro, os botões da luz e da campainha estão em cada quarto invariavelmente fóra do alcance do hospede quando deitado; o aquecimento não existe; ou n'uma palavra sucinta: se a industria hoteleira, nas duas capitaes do paiz, está em regra absolutamente fóra das normas de conforto, higiene e sociabilidade que formam os rudimentos da sua tecnica em qualquer paiz civilizado do mundo...

Ao que, acrescem, justos ceus! e não raro: as surprezas da conta. Ao viajante que correu as estradas, que passou nos hoteis e que resistiu a uma d'essas somasmirificas, que mais parecem das finanças do Estado — não lhe faltaram, com efeito, nem comoções, nem encantos!

Retalhos d'Alma

Talvez...

XVII

Triste sorvendo eu vou a dor vehemente,
Que me 'sfacela a Alma, tanto, tanto...
Sofrendo a sós comigo e em quebranto,
A magua que me fére lentamente.

Teu coração marmóreo e descrente,
Não me 'senta sequer! E no entanto
Eu sofro, triste, n'um intimo pranto,
Encobrindo-te o que este peito sente.

Implorar-te Amôr... eu?! Não! Para quê?!...
— Se a tua Alma de bronze me não crê,
E julgas que este Amôr ha-de gelar!

Mas, quem sabe, mulher, que hoje assim ris
Desdenhosa, contente e tão feliz...
— Tenhas por mim ainda de chorar.

Lisboa, 914.

Bouquet de Saudades

XVIII

Q'ria dar-te um poema só de luz,
Onde eu pudesse n'um estylo eloquente,
Gravar uma Saudade bem latente,
Que n'um «Adeus» saudoso se traduz.

Uma Saudade tua me conduz
A uma Dôr sincéra e bem vehemente;
— Martyrio que avassala um peito ausente,
Quando essa ausencia é bem pesada cruz.

Q'ria oferecer-te em próva de amisade,
— D'este cruel e tão forte Saudade,
— De flôres um ramo belo... porem crê

Que n'estes versos, Lôr's has-de encontrar,
Que o tempo poderá jamais 'sfolhar,
E de Saudades guarda este «bouquet».

Lisboa, 912.

A. Victor Machado

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

LUIZ TEIXEIRA DE MACEDO E CASTRO, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Chefe da Secretaria da Camara Municipal do Concelho de Setubal.

Faço publico que, nos termos da Lei Eleitoral em vigor, estão patentes ao publico, na Juntas de Freguesia d'este Concelho, para o effeito de reclamações os cadernos do recenseamento eleitoral d'este Concelho respeitante ao corrente anno.

Para constar se passaram o presente e outros de egual theor para serem affixados nos logares publicos do costume.

Paços do Concelho de Setubal, 23 de março de 1920.

O Chefe da Secretaria,

Luiz Teixeira de Macedo e Castro

CANTARES

Toda a menina bonita
Um noivo deve escolher,
E' crime morrer uma bella
Sem o amôr conhecer.

Se á noite fôres ao baile
Deves ter muita cautella,
Um baile é a perdição
De muita e muita donzella.

Trazes um cravo no seio
Do qual eu invejo a sorte
Muito embora assim viesse
A encontrar minha morte.

Tua mãe ralha comtigo,
Não te deixa namorar,
Quem perde com isso és tu
Pois solteira has-de ficar.

Todo aquelle que ingrato fôr
Já sabe o fim que terá,
Pois se com ferro matar
Egual morte encontrará.

As rosas do teu jardim
Não têm tanto valôr,
Como as tuas faces lindas
Quer tenham ou não rubôr.

Passei hontem á tua rua
Mas lá não torno a passar,
Porque a luz dos olhos teus
Vi geitos de me cegar.

Os teus olhos, minha bella,
São ladrões e são traidores,
Roubaram o meu socego
E me mataram d'amôres.

Ignotus

Como transformar Azeitão numa terra digna de ser visitada.

Impressa em magnifico papel, n'uma edição cuidada, foi publicada em separata, a conferencia que o nosso director realisou [illegible].

As pessoas que desejarem possuir este trabalho do nosso director, podem fazer-nos os seus pedidos remettendo-nos 50 centavos.

PENSAMENTOS

de Maria de Carvalho

As lagrimas e o riso
Fundem-se algumas vezes n'um clarão,
N'um clarão divinal, mas indeciso,
Que sobe aos labios, vem do coração
E chama-se sorriso.

Alegria abençoada
E's como o sol!
Quando illuminas o lar,
Serena, pura, doirada,
Ajudas a trabalhar.

A' mulher emprestas graça,
Ao homem dás confiança,
A todos força e conselho.
Na pobreza ou na abastança,
Tu és o pão da creança,
E's o consolo do velho.

E' como as almas profundas
O mar, possue o segredo
D'um poder que nos domina.
A's vezes causa-nos medo...
Mas esse medo... fascina.

A arte é a historia da alma.

Eça de Queiroz

VILANCETE

Para a S. L.

Para que vos quero, olhos,
Para que vos hei de eu querer,
Olhos, que a não podeis ver?!

Volta

Olhos meus — que d'ella são! —
Pois se a não podeis olhar,
— Que os d'ella longe estão...
Porque vos hei de eu guardar?
Se a vejo em meu coração
Para que vos hei de eu querer,
Olhos, que a não podeis ver?!

Fevereiro de 1920.

José Bruges

Muitos anos depois

Dir-se ia que ainda ontem cá passámos.
Mas há que tempo que isso foi! **Repara:**
Canta a mesma canção a fonte clara,
Bolem com flores iguais os mesmos ramos.

Na gruta em que do sol nos abrigámos,
Verdeja a mesma avenca fina e rara:
E um valto, como então, na ondosa seara,
Daqui não tira os olhos, donde estamos.

De rugas cheio, como um espelho ruim,
O lago as nossas caras deformava,
Lisas, coradas pelo ardor das fugas...

Mas hoje, na penumbra do jardim,
E' liso o lago que nos desfeava,
Nossos rostos sem côr é que tem rugas...

Eugenio de Castro

QUADRAS

de Vicente Arnoso

Eu bem sei porque és tão triste
Triste choupo, vou jurar,
Ficas mais perto do céu
Para nunca lá chegar.

Contra a carestia

Anda ha muito furioso
Narciso José Maria
Sempre, sempre a protestar
Contra tanta carestia!

«Vae-se tudo quanto ganho!»
— Diz o amigo Narciso.
«Não tarda nada que ande
«Como Adão no Paraiso!!»

Mas d'alegria o Narciso,
Ia quasi dando um estoiro
Ao vêr os fatos baratos
Das Calidades **Tesouras d'Ouro.**

Fatos da moda

Baratissimos!!!

Fatos chics de magnificas fazendas.
Calças de fazendas proprias e bonitas.
Enorme sortimento de sobretudos, samarras, capas á alemtejana e sobretudos para rapazes.
Elegancia de côrte, acabamento perfeitissimo e forros superiores.

A's Ex.mas Damas

A ultima moda em Casacos e Vestidos. Em exposição lindos modelos.
Eximio «tailleur» para senhoras.

Preços baratissimos

Acceitam-se encomendas a feitio.

Tesouras de Ouro

Rua dos Fanqueiros, 263 a 267, loja e 1.º andar

(primeiro quarteirão vindo da Praça)

ALFREDO V. ROSA

O Depurativo Dias Amado

Cuidado, muito cuidado!

Nada ha mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser illudido por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circumstancia são verdadeiramente deshumanos. O verdadeiro especifico d'este nome, **e unico que está registado em todos os paizes da Convenção Internacional de Marcas, é preparação de Antonio Dias Amado**, que radicalmente cura **a siflis, as doenças do utero e ovarios, as chagas, varizes, lepra, tuberculose ossea, reumatismo, as ulceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue.**

Deposito geral — Casa do autor — Farmacia Luso-Brazileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) — Lisboa, Telef. 1667.

Porto — Farmacia Almeida Cunha, 4 rua Formosa, 327.

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Grandes variedades de bilhetes e fracções para todas as

LOTERIAS

Cautelas de todos os cambistas. Atende prontamente **todos os pedidos da provincia Ilhas Africa.**

Fornece para revender nas melhores condições
Pelo correio mais \$10 para registo.

SEMPRE SORTES GRANDES

TELEFONE C. 1020

Rua do Amparo, 49 — **LISBOA**

Pedidos a F. SILVA GAMA

Folhetim de "Outlanner" de 4 Abril de 1937

Romance humorístico de A. Vítor Marbado

UMA AVENTURA

IV

DIA DE FESTA

A campainha tornou a tocar, mas d'esta vez com toda a delicadeza.

Rita, correu a abrir, dando entrada na sala, um pouco comprometido, um rapaz aparentando ter uns vinte anos, moreno, de pequeno buço e fartas madeixas pretas emoldurando-lhe o rosto.

O leitor que certamente já reconheceu o novo personagem, ficará um pouco surprehendido em encontrá-lo em casa dos Banaboias.

A sua admiração, que em parte se justifica, deixará de existir, ao conhecer de pérto o motivo da sua visita.

Rita, altamente surprehendida com o desembaraço do novo conviva, que nem sequer lhe deu tempo a anuncia-lo, dirigiu-se para a cosinha resmungando sosinha:

— Quem será este salta-pocinhas?...

Julio encaminhando-se para o grupo, ao mesmo tempo que fazia um leve cumprimento com a cabeça apertava cordealmente todas as mãos que se lhe deparavam estendidas.

— O' camarada Julio! — exclamou Banaboia, pondo-lhe a mão no hombro. — Vou apresenta-lo!...

— O' mamã, quem é este rapaz tão bonito?!... perguntou Marócas a D. Quiteria, que por emquanto ignorava a identidade do recenchegado.

— Sei lá, menina! Algum farrópilha de algum burguez, que nem sequer corta o cabelo!

— Tenho a honra de apresentar-lhes o camaradinha Julio Evaristo, presidente do Gremio Venha a Nós e velho «réclamista» das nossas ideias!

— Olha que não é, filho!... observou D. Aldegundes ao marido.

— Propagandista, é que tu hontem tinhas dito!

— Não é bem a mesma coisa... mas emfim, o que é preciso é que ele seja da «côr»!

Julio respondeu com um sorriso a este gracejo de Magriço.

Tinha visto aquela cara em qualquer parte. Não se recordava, porém, em que ocasião e circunstancias o tinha conhecido?

Pela sua mente passaram os traços fisionomicos de todos os seus crédores, sem que o seu pensamento se fixasse em nenhum. No entanto ia jurar que aquele «rotundo» comerciante novo-rico, que só por ironia se chmava Magriço, fazia parte da sua vasta galeria de «calótes».

Lili, aos pulinhos, como que atraida pela voz de Julio resolveu-se a aparecer na sala. Sentia uma grande inclinação por ele sem mesmo saber explicar a causa.

Duas vezes que Banaboia tinha falado n'este «apostolo» do descanço, quatro vezes Lili tinha suspirado melancólicamente, sem egualmente poder explicar a causa d'essa melancolia nem tão pouco desses suspiros.

Marócas correu a abraçá-la emquanto os restantes convivas entoavam uns arrastados «parabens».

— Então o que se faz?!... perguntou D. Quiteria, pespegando-lhe um beijo musicado.

— Anos! — A' falta de outra coisa... respondeu Lili, julgando revelar assim a Julio quanto era espirituosa.

— Quem é este rapaz!?... E' o teu noivo?!... Que perfeito rapaz!

— Duplamente te dou os meus parabens!...

— Não, Marócas! — E' um amigo de meu pae! — Por emquanto em nada me falou! titubeou Lili, olhando de soslaio para Julio, emquanto este fazia a côrte a um «havano» que lhe oferecia Magriço.

N'aquele «por emquanto» ia toda a sua amargura. Quem déra poder dizêr: — E' sim!...

(Continua).

Ignacio Augusto Basto Cruz
Rua Direita — AZEITÃO
Armazens de generos de mercearia, cereais, legumes, azeites. — Vinhos engarrafados. — Genebra, Garrafões. Vidro em chapa, Tintas, Ferragens nacionaes e estrangeiras. Folha de Flandres, Chumbo, Estanho.
Deposito de Tabacos

Fernando Carvalho Mourão
OURIVES-JOALHEIRO
Grande colecção de objectos proprios para brindes da Pascoa
N'esta antiga e acreditada casa encontra-se sempre um dos mais completos e melhor organisados sortimentos em todos os artigos das variadas secções da sua especialidade, não se recusando o confronto de preços com os de outras casas congeneres.
20, Rua da Palma, 24 — LISBOA
Telefone 311 — Central

Theodoro dos Santos Reis e Silva
Sucessor de
Gaspar dos Reis e Silva
Casa fundada em 1827
Concerta louças e jóias gasto de todas as qualidades. Concerta louças, louças e objectos de cristal, marfim, tartaruga, madrepérola, celoloide e outras bijuterias.
Restauração de louças antigas
74 — Rua Serpa Pinto — 74
(ao Chiado)

Antonio Ferreira da Silva
CASA MISTA
Em Aldeia de Irmãos — AZEITÃO
Mercearia, Fazendas, Estragaos, Perfumarias e Drogas.
Calçado de todas as qualidades e fato feito.
Selfato de cobre e Estanho.
Artigos de papelaria.
Cereais, Legumes e Padaria.
Preços limitados

Anibal Tavares
Joalheiro
97, Rua da Prata, 97
LISBOA
Telefone 5197
Lindissimo sortido de anéis com brilhantes desde 10$00 a 1.500$00 cts.
Cruzes com brilhantes e diamantes desde 15$00 a 400$00 cts.
Enorme colecção de cabaus de perolas desde 20$00 a 1.000$00 cts.
Variado sortimento em brincos com brilhantes desde 20$00 a 2.000$00 cts.
Colossal sortido de objectos para brindes em prata artística, recebidos directamente, por preços dos fabricantes.
Não comprem sem visitar a casa Anibal Tavares
97 - RUA DA PRATA - 97

Padaria Azeitonense
— DE —
LOBO & ALVES
Rua Aguiar, 251 e 253
BARREIRO
Pão de 1.ª e 2.ª qualidade, fabricado com esmeralda e cabal
Vendas aos domicilios

FUNDIÇÃO TIPOGRAFICA **A FUNTIPO**
Proprietario e Director Tecnico "P. Gini"
ESCRITORIO: Rua Nova da Piedade, 60, 2.º-D
FUNDIÇÃO: Rua Nova da Piedade, 60-A
LISBOA — Telefone 4329
A unica n'este genero em Portugal — Bom material e acabamento
Fantasias, entrelinhas, filetes, espaços quadrados e lingots

Comercio Mixto
DE
Amadeu Augusto Pereira
Rua Direita — AZEITÃO
Generos de mercearia de 1.ª qualidade. — Louças de ferro esmaltado e outras. — Calçado a preços reduzidos — Vidro em chapa — Fazem-se molduras e colocam-se vidros.
Vende-se barato para vender muito

76 Rua Nova do Almada 78
LISBOA
Manuel Pedro da Silva
Guarda-chuvas e sombrinhas
Sempre Novidades
Bengalas da Moda
Pentes e travessões
Ganchos com finas pedras
Leques de fantasia

Grande variedade de fatos, sobretudos e coletes de fantasia já feitos
Confecções para senhora
M. SANTOS L.da
Alfaiates mercadores
Sempre as últimas novidades. Colossal sortido de lanzinhos nacionais e estrangeiros.
42, Rua Fernandes da Fonseca, 46
157, Rua da Palma, 159 — LISBOA

Ex-Barraca de Pau
— DE —
ANTONIO ADRIANO VALIDO
AZEITÃO
A' entrada da vila
Generos de mercearia de primeira qualidade. Especialidade em CAVACAS de Azeitão e delicioso vinho moscatel. Deposito de gasosas e refrigerantes. Tem carroças e carros de bois para alugar.
PREÇOS REDUZIDOS

SAPATARIA MODERNA
— DE —
Andrés Rodrigues L.da
Casa fundada em 1917
O stock completo sortimento em calçado para Senhoras, Homens e Crianças
Rua da Mouraria — LISBOA

Moagem de Cereaes
Quinta Nova — AZEITÃO
Mói de conta alheia pelos preços da lei: — Trigo, Milho e Centeio. — Farina ou tritura outros cereaes por ajuste especial

CENTRO COMERCIAL DO BAIRRO NOVO
— DE —
Alda Pereira da Silva
36 a 42, Avenida da Republica, 36 a 42
ALGÉS
Generos de mercearia de 1.ª qualidade — Vinhos tintos, brancos e abafados — Aguardente e vinho Moscatel de Setúbal — Vinho do Porto, Colares e Carcavelos — Carnes de porco fresca e salgada — Manteigas — Queijos e bolachas — Azeite extra — Sopas, cereais e legumes — Carvão e artigos de vasoureiro — Louças finas, ordinarias e vidros.
Padaria
Especialidade em vinhos de pasto, recebidos directamente da lavra do proprietario d'este estabelecimento. Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Este estabelecimento é o mais antigo do Algarve

GAMA & CORREIA
Armazem de Fazendas, Calçado, Chapeus, Maquinas de costura, etc. Vinhos, Aguardentes, Azeites, Sabão, Petroleo, etc.
Preços sem competencia
Rua Direita — Azeitão

Farmacia Brazil 7, Praça do Brazil, 8
LISBOA
Telefone 1035 — Norte
Consultas medicas diarias — Analises de ourinas e outras
Empolas, sôros, pensos e especialidades farmaceuticas nacionaes e estrangeiras
Productos proprios preparados com todos os requisitos de asépsia e higiene